Revelação

Jornal-laboratório do Curso de Comunicação Social

UNIVERSIDADE DE UBERABA

Ano V • nº 217 • Uberaba/MG • de 20 a 25 de agosto de 2002

Trancou a matrícula, pediu demissão e deu no pé

Estudante larga tudo para viver seis meses na Irlanda

págs 6 a 9

Fabiano da Mota dormiu uma noite em Doolin. Segundo relatos de moradores, é de lá que vem a melhor música irlandesa

Saúde

Farmácia Solidária quer combater automedicação

pág. 3

História

Profissionais contam suas experiências no período militar

págs. 4 e 5

Literatura

"À espera de flores" estréia Caderno Literário

pág. 11

issuu-downloader.com

Opinião

Cabeça, Tórax e abdomem

Francisco Marcos Reis

Não sei bem de onde surgiu, mas me parece que em algum momento da história alguém estabeleceu a proporção de um homem, um fuzil.. O tempo era de guerra, de tiro ao alvo... Hoje, embora a cólera continue presente, as proporções obedecem a lógica consumista e ao mesmo tempo beligerante. Para cada míssil, uma multidão, para cada tanque um punhado de palestinos. Mesmo assim, nas ruas a proporção que funciona em algumas cidades brasileiras é um homem, um revolver, um revólver uma mão, e por fim uma bala, um estômago ou, para simplificar, cabeça, torax e abdomen. O mais estimulante disso tudo, foi surgimento da bala perdida, que chega a vítima sem ódio, sem objetivo. Perfura e mata, por um acidente, fato que minimiza o sofrimento da família, afinal o morto não tinha inimigos.

Vejo na telinha viciosa da TV os candidatos falarem apenas da questão econômica, como se o maior problema do país fosse com o cofre, embora tenhamos que reconhecer que a a falência chegou e a insolvência se aproxima. Mesmo com o acerto feito com o FMI, que pelo que leio na imprensa, parece ter doado US$ 34 bilhões ao Brasil. Isto mesmo, a festa foi tanta, que o empréstimo surtiu efeito de doação. Ainda assim restarão no cotidiano brasileiro os Fernandinhos Beiramar e, outros malucos armados rindo da polícia e do nosso pânico. Pior do que a dívida é a perda de autoridade, o surgimento de um Estado marginal dentro Estado inercial, inepto, indiferente. O crime se organiza, na mesma proporção que a sociedade se desorganiza.

Tudo rola em torno da moeda, do dólar, embora 90% dos brasileiros nunca tenham sequer tido um contado pessoal com a efigie adorada de *Beijamim Frankelin*. A grande organização está em processo de desmanche e o nosso problema é apenas econômico e a mídia coitada, comportar-se como boneca do ventrílogo. A sociedade moderna não discute mais o bem comum, conforta-se na virtualidade do discurso sobre os bilhões que voam sobre nossas cabeças como obuses em cifras. E nós, os caipiras, sabemos que a coisa existe lendo jornal, vendo TV ou ao comprar um *Big Mec*, afinal os preços subiram. E este negócio de bilhões, com certeza é conversa para boi com insônia dormir, mesmo porque não restará um centavo para colocar fechadura em casas populares, ou pra dramatizar mais, não restará um real uma doze mortal desta horrível 51.

A sociedade moderna não discute mais o bem comum, conforta-se na virtualidade do discurso sobre os bilhões que voam sobre nossas cabeças como obuses em cifras

Francisco Marcos Reis é jornalista e professor na Universidade de Uberaba

Painel do leitor

"UBERABA - rumo a uma bienal?"

O Jornal RIO ARTE CULTURA se congratula com o nº 215 de "REVELAÇÃO" - Jornal-laboratório do Curso de Comunicação Social, da Universidade de Uberaba -, editado inteiramente pelos alunos, pela impecável qualidade gráfica e editorial.

Destaque especial para a matéria de centro - "Panorama quer acender a crítica de arte na cidade", de André Azevedo, que, em entrevista com o organizador da mostra, o lúcido e competente artista plástico Hélio Siqueira, nos fala do "2º Panorama das Artes Plásticas de Uberaba" e da vontade de despertar no público o saudável e proveitoso hábito de olhar atentamente para as artes e refletir sobre o seu processo criativo.

(...) A julgar pelas fotos, também da autoria de André Azevedo, a qualidade dos trabalhos está acima da média, o que deve servir de estímulo e incentivo para a Fundação e para a própria cidade de Uberaba para que invistam cada vez mais na educação artística de seus cidadãos.

Publicado originalmente no Jornal Rio Arte Cultura < http://www.geocities.com/rioartecultura/ >, publicação editada por Alexandros Papadopoulos Evremidis.

Escreva para o painel do leitor: **paineldoleitor@uniube.br**

Artigo

Bons pensamentos transformam a vida

Seicho-No-Ie propõe orientar a mente para coisas positivas

Luciana Oliveira de Assis

Quantas vezes você, caro leitor, se viu diante de um obstáculo e pensou de forma positiva que iria vencê-lo? Muitas pessoas com certeza irão dizer que nunca utilizaram artifício parecido em suas vidas, o que de fato é comum no esteio social.

Qual seria então a explicação para o ocorrido? Não podemos negar que é bem mais fácil termos pensamentos como "Eu jamais conseguirei obter o que desejo" ou "isto é muito difícil", já que vivemos em uma realidade na qual o espírito de competição atua em todos os lugares, de todas as formas.

Mas ao mesmo tempo compactuamos com uma sociedade que almeja de forma unânime o progresso – seja na área familiar, seja na profissional ou sentimental. Diante desse paradoxo entre o pensar e o agir, questiono: como pode o homem desejar o sucesso se sua mente idealiza exatamente o contrário? Existe alguma relação entre a postura mental e a concretização de uma ação?

Devemos ter a mente sempre voltada para pensamentos positivos e saudáveis se quisermos progredir

Não há nada mais importante que a postura mental, já que a mente se manifesta na forma, nas atitudes corporais, nas ações e na vida da pessoa. A partir desta afirmação, podemos tirar o ponto-chave desta questão. Ou seja, o primeiro procedimento para vencer qualquer dificuldade é pensar "não serei vencido por essa dificuldade", ou ainda "para as outras pessoas é uma dificuldade, mas para mim se constitui em algo fácil de executar".

Devemos ter a mente sempre voltada para pensamentos positivos e saudáveis se quisermos progredir. Agindo dessa forma, estaremos buscando somente boas energias e, sem dúvida, a vitória! Quando surgir algo desagradável ou qualquer sentimento sombrio, não devemos lamentar como se fôssemos escravos destes sentimentos. Vejamos somente o lado bom que tudo se torna mais fácil! O fato de abandonarmos pensamentos negativos não significa que estamos fechando os olhos para as imperfeições existentes à nossa volta. Estaremos somente "curando" e amadurecendo a mente humana, o que pode transformar a vida em algo extremamente prazeroso!

No entanto, a mudança da postura mental não se dá de forma instantânea. Precisamos exercitar diariamente e colocar em prática todos os ensinamentos mencionados até então. Mesmo que no começo sintamos dificuldades ou mesmo nos machuquemos, não podemos de forma alguma desistir! É necessário extinguir o clássico hábito de pensar coisas negativas, pois fazê-lo só atrairá fluidos maléficos à nossa vida.

Portanto, colegas, façamos agora uma análise sobre como anda nossa saúde mental. Desejamos a vitória? Pois reeduquemos nossas mentes e passemos a modificar o que para nós parecia imutável. Fazendo da felicidade uma rotina em nossas vidas e que ela seja ao mesmo tempo uma arma contra todos os infortúnios diários é que poderemos, de batalha em batalha, vencer a guerra!

**Texto baseado nas escrituras da filosofia japonesa Seicho-No-Ie, fundada por Masaharu Taniguchi. Sinopse do artigo da Revista Mundo Ideal, ano V, número 060, Junho/99.*

Luciana Oliveira de Assis é estudante do segundo ano colegial do colégio Castelo Branco

Revelação **Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba**

Supervisora da Central de Produção: **Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br)** • • • Edição: **Alunos do curso de Comunicação Social** • • • Secretário de Redação: **André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br)**
Diretor do Curso de Comunicação Social: **Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br)** • • • Coordenador da habilitação em Jornalismo: **Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br)** • • •
Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: **Érika Galvão Hinkle (erika.hinkle@uniube.br)** • • • Professoras Orientadores: **Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Neirimar de Castilho Ferreira (neiri.ferreira@uniube.br)** • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: **Neuza das Graças da Silva** • • • Suporte de Informática: **Cláudio Maia Leopoldo (claudio.leopoldo@uniube.br)**
• • • Reitor: **Marcelo Palmério** • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: **Newton Mamede** • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: **Ricardo Aidar** • • • Impressão: **Gráfica do Jornal da Manhã**
Fale conosco: **Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Jornal Revelação - Sala L 18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500** • • • Tel: **(34)3319-8953**
http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: **paineldoleitor@uniube.br** - As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

issuu-downloader.com

Saúde

Programa quer combater automedicação

Farmácia Solidária incentiva doação de remédios para comunidades carentes

Felipe Augusto
2° período de Jornalismo

O Plano de Atenção ao Estudante (PAE) da Universidade de Uberaba, juntamente com o Diretório Acadêmico do curso de Farmácia Industrial, estão implantando o projeto Farmácia Solidária. O objetivo principal é diminuir o uso de medicamentos sem prescrição médica. Para isso, a equipe pretende incentivar a doação de remédios vencidos ou que não são mais usados. "Através desse projeto, pretendemos fazer uma conscientização sobre o risco da automedicação", informa Micheline Silveira, coordenadora do projeto e professora do curso de Farmácia Industrial. Segundo ela, esse hábito é uma tendência muito grande da população

Coordenadora do projeto diz que devemos ter o mínimo de medicamento possível em casa

O projeto, inicialmente implantado na Universidade de Uberaba, pode abranger, futuramente, toda a cidade. A divulgação está sendo feita através de e-mails mandados para alunos e colaboradores. Além disso, colaboram o jornal do DCE. No projeto Bazar, alunos do curso de Farmácia vão estar em uma barraca ao lado da cantina, durante os intervalos, distribuindo *folders* informativos. Alunos do Diretório Acadêmico do curso visitarão salas para falar sobre o projeto.

Os medicamentos arrecadados serão encaminhados para farmácia da Unidade Básica de Saúde (UBS) George Chirré Jardim, localizada no bairro Alfredo Freire. Uma farmacêutica acompanhada de alunos de Farmácia vão selecionar os medicamentos. Aqueles que forem viáveis para consumo serão doados para pessoas carentes, e os remédios que não puderem ser utilizados serão encaminhados para Vigilância Sanitária.

Dicas e perigos

Uma das finalidades do projeto é mostrar os perigos do consumo de remédios sem prescrição médica, ou vencidos. Segundo a coordenadora, o consumidor não deve seguir orientações de leigos. Essa prática pode ser muito perigosa. Ela recomenda também sempre verificar o prazo de validade.

Micheline lembra que remédios sempre devem ser guardados em lugares adequados, longe do alcance das crianças, da umidade e da luz que podem deteriorá-lo. Mas o recado principal é ter o mínimo de medicamento possível em casa, justamente para evitar intoxicações, reações alérgicas e automedicação.

reprodução

Uso de medicamentos indicados por leigos pode ser perigoso

Os medicamentos podem ser doados na sala do Plano de Atenção ao Estudante (PAE), na sala 2B23, no Campus II da Universidade de Uberaba, ou na policlínica Getúlio Vargas, localizada no Campus I, ou na farmácia da UBS George Chirré Jardim, no bairro Alfredo Freire.

Dia 22 de agosto
(quinta-feira) - 17hs

Anfiteatro da Biblioteca Central da Universidade de Uberaba
ENTRADA FRANCA

T i v i v i d e o c u l t c i n e c l u b e

issuu-downloader.com

História

O caminho da libertação

Durante 21 anos, o Brasil viveu a ditadura, um sistema político que matou muitas pessoas. Algumas sobreviveram, mas continuam abaladas pelas lembranças

Adriana Amaral Guardieiro
7º período de Jornalismo

fotos: Adriana Amaral Guardieiro

Apesar de ter sido preso, Montandon ainda luta pela liberdade

Aquele era o dia em que ele seria preso. Foi enganado e acabou na cadeia. Não seria libertado, a não ser que idolatrasse os militares, apoiados pela classe média, e que tomavam o poder de civis. Não adepto à situação, Renato Montandon foi torturado e esmagado como se fosse um ser peçonhento e perigoso para a população.

A revolução aconteceu no momento em que o governo tentava fazer as chamadas "reformas de base", que atingiu os proprietários de terra, e fez com que começasse a reação da sociedade.

No dia em que seria preso, Renato foi lecionar normalmente como era de costume. Assim, deu um beijo em sua esposa e saiu para trabalhar. Não imaginava que levaria um mês para voltar para casa. Com apenas 16 dias de casado e 27 anos de idade, Renato sentiu sua liberdade sendo atirada pela janela, caindo direto em um cesto de lixo.

Nascido em Santa Juliana e morador de Uberaba, Renato fazia parte de alguns movimentos da Igreja, como a JEC (Juventude Estudantil Católica) e depois foi para a JUC (Juventude Universitária Católica), os quais eram de esquerda.

O golpe

Jânio Quadros renunciou e o vice era João Goulart, mais conhecido como Jango, que estava na China, território comunista, no momento de sua posse. Sob pressão, Jango se afastou do governo e foi para o Uruguai, onde ficou até morrer.

A ditadura era um golpe de Estado. Ela acabou com o Estado de Direito, que faz as pessoas viverem em sociedade. Renato teve sorte. Mais do que as pessoas que acabaram mortas. Nem todos os que sobreviveram continuaram sendo os mesmos. Muitos mudaram. Renato é um que mudou. Antes alegre, líder, comunicativo, hoje é fechado em suas lembranças e sofrimentos.

Todos os professores tinham que assinar um atestado de ideologia, que começava com: "Você é comunista?"

Depois de sua prisão, Renato descobriu que um grupo de esquerdistas foi preso em Belo Horizonte e que um dos integrantes falou o seu nome. Ficou preso por causa do chamado IPM (Inquérito Policial Militar).

Legalmente, eles tinham o prazo de 30 dias para colher o meu depoimento, formalizar a culpa ou então me soltar. Assim, quando eles questionaram a pessoa que tinha falado meu nome, ela confessou que eu não era da organização. Na verdade, eu fazia mais era agitação e propaganda nos movimentos. Eu era um coadjuvante.

Torturas infinitas foram aplicadas em Renato. Seus olhos não mentiam. Ele via, a todo momento, pessoas entrando na cela machucadas e saindo para nunca mais voltar. Para ter certeza de que ele falaria, os militares ameaçavam: "Eu não tenho bola de cristal. Portanto, você sabe o que vai acontecer se você não falar, né?". Até hoje seus olhos não mentem. Relatando o fato do passado, eles se enchem de lágrimas que querem saltar em seu rosto, mas a postura e a tradição do sexo masculino não deixam que isso aconteça.

O ensino em perigo

O momento mais duro, com repressões e prisões, foi no final dos anos 60 e começo dos anos 70. Houve padres que foram perseguidos, as leituras das pessoas eram examinadas, muita gente era chamada para depor. Bastava ter um livro de Marx em casa que a pessoa era considerada subversiva.

Maria Antonieta Borges Lopes também era professora na época. Todos os professores, no início do ano, tinham que assinar um atestado de ideologia, que começava com: "Você é comunista?", "Você conhece alguém que é comunista?". Esse é o período em que os grupos passam para clandestinidade, luta armada, para o seqüestro, roubo de bancos com a finalidade de arrecadar dinheiro para manter a guerrilha. Antonieta era completamente contra a revolução. Achava que o processo de maturação da sociedade brasileira havia sido interrompido.

Renato Montandon foi preso em 1969 na porta do colégio Diocesano, onde lecionava. Todos os alunos viram

Eu era professora de História do Brasil. Escondi os livros que tinha em casa. Tirei-os da prateleira do escritório e os coloquei em outro lugar, como no guarda-roupa. O pai de uma aluna minha, era professor e foi preso, e me pediu para substituí-lo. Porém, quando você fica no lugar de alguém que é preso, quer dizer que você é amiga dele. Mesmo assim, substituí e não tive problemas com isso. As pessoas me viam como alguém que não era a favor da revolução, me chamavam de comunista, mas nunca fui inti-mada para depor. Meu marido era policial civil, então as pessoas brincam que foi ele quem me salvou.

O dia da prisão

Renato Montandon foi preso em 1969 na porta do colégio Diocesano, onde lecionava. Todos os alunos viram. Eram filhos de pessoas que pertenciam à elite. Ele foi preso como uma pessoa de alta periculosidade. *Um homem veio até mim e falou que ia me mostrar uns livros que tinha trazido de São Paulo. Quando cheguei na porta, ele me deu voz de prisão. Estavam sete pessoas armadas até os dentes com metralhadoras. Logo que*

issuu-downloader.com

Maria Antonieta também foi contra a revolução de 64.

me colocaram dentro do carro, começaram a forçar para eu falar alguma coisa. A pessoa que comandava a minha prisão era um especialista que foi treinado no Canal do Panamá, onde os militares internacionais eram treinados para fazer terrorismo. Era o Coronel Tarcílio de Menezes, a pessoa mais importante que tinha na Polícia Militar de Minas Gerais.

Isolado em uma solitária por dez dias, Renato não podia ficar de pé, não podia se esticar e tinha que agüentar os ratos andando sobre sua pele. Depois de liberado, o sol nunca lhe pareceu ser tão bonito como naquele dia. Da mesma forma era a imagem de sua mulher que contrastava com o brilho dos raios solares. Após a prisão, ele continuou um ano preso a Uberaba, pois não podia viajar e tinha que se apresentar toda segunda e sexta, às 6 horas da tarde, na delegacia. Naquela época, Renato tinha que pegar um ônibus até certo local e seguir a pé, já que o departamento da polícia estava localizado onde não havia estrada, muito menos trilhas, era no meio do mato.

Acontecia de amigos meus me virem na rua e atravessarem para o outro lado e entrar na farmácia só para não ser visto comigo, porque sabiam que, na maior parte do tempo, eu estava sendo seguido.

A vida continua

No ano seguinte, Renato se mudou para Brasília, onde, para ele, começava uma nova vida, pois ninguém o conhecia. Ele era uma pessoa limpa naquele lugar. Porém, ao tentar conseguir empregos, principalmente públicos, tinha que preencher uma ficha do SNI (Serviço Nacional de Informação), que constava todo o seu passado.

Por várias vezes não foi aceito. Até que, já formado em Direito, tinha um amigo que conhecia o diretor da assessoria jurídica da UnB (Universidade de Brasília). Trabalhou por três meses sem receber, devido a problemas financeiros da instituição. No primeiro mês, não podia disfarçar o medo de ser descoberto e perder, também, aquela chance que estava tendo.

"Acontecia de amigos meus me virem na rua e atravessarem para o outro lado e entrar na farmácia só para não ser visto comigo"

Depois, veio o segundo mês e ninguém falava nada. Renato começava a nascer de novo. Ele viu que possuía o direito de ter esperança. No entanto, no terceiro mês, o diretor lhe entregou o cheque pagando seus serviços e disse que ele não estava contratado.

O bipartidarismo

Depois do Ato Institucional nº 1, todos os partidos foram eliminados, a Constituição foi suspensa, o Congresso foi fechado. No retorno da prática política, implantou-se o bipartidarismo, sendo as correntes políticas do país representadas por duas legendas: a Aliança Renovadora Nacional - ARENA, onde se aliou a extrema direita apoiando o regime militar, e o Movimento Democrático Brasileiro - MDB, que abrigava todas as correntes políticas que se opunham à ditadura.

No final dos anos 70, surge o Partido dos Trabalhadores (PT), movimento operário sob a liderança de Lula. Depois o governo acabou liberando para outros partidos. Foi feita a nova Constituição, a sociedade civil voltou a se organizar. Antes tudo era dito em metáforas, como as músicas de Chico Buarque e Gilberto Gil. Tudo tinha que ser falado por meio de uma camuflagem.

A nova Constituição assegurou os direitos dos cidadãos, mas as pessoas passaram muito tempo sem saber o que eram esses direitos, não acreditavam nos partidos. Por isso o retorno foi bem devagar.

A professora Antonieta acredita que o mais importante na sociedade é a democracia. E que a eleição é o coroamento da democracia. *A gente cresce como nação, como cidadão e como país com o regime democrático. Nesse momento em que estamos em processo de mudança, o que devemos fazer é exercer o direito do voto com consciência e ver o que é melhor para o país. A gente ainda tem a democracia no papel, mas não tem ela na prática. Há uma impunidade muito grande. Ainda temos muito caminho pra andar. Hoje eu trabalho na Escola de Governo, que é uma ONG, para formar governantes, porque o lema é: "se os políticos não prestam, por que não tentar criar políticos mais éticos?".*

Câmara de Uberaba

Quando Renato foi preso, a Câmara de Uberaba já existia há muitos anos. Ela foi inaugurada em sete de janeiro de 1837, com sete vereadores, tendo Capitão Domingos como primeiro presidente. De 1837 a 1941, a Câmara atuava somente no Legislativo, depois, passou para o Executivo.

Atualmente, a Câmara possui 19 vereadores, sendo presidida por um deles, que é Elmar Humberto Goulart. O seu sobrenome não é coincidência em ser parecido com o do ex-presidente Jango. Eles eram primos de segundo grau.

João foi pressionado pela classe distinta, porque queria implantar uma nova política. Politicamente, eu nasci dentro do partido. Tinha muita simpatia por Tancredo Neves e foi nele que me espelhei. Em 1982, fui convidado para fazer parte do PMDB. Acho que antes não tinha liberdade de expressão. Depois, a democracia imperou, pois ela se faz com diálogos, discussões, idéias e liberdade de expressão. Acredito no país. Ele está sofrendo a desestabilidade da moeda, mas neste período crítico, precisamos de adaptação, de confiar nos investidores.

Na Câmara, não existem somente vereadores do sexo masculino. A tradição do machismo é equilibrada pela delicadeza de duas mulheres. E uma delas é Marilda Ribeiro Resende, que, além de enfrentar os colegas devido à diferença de sexo, ainda luta pelo seu partido, que é de esquerda.

Desde 1991 Marilda faz parte do PT e, para ela, o partido está bem organizado e as propostas colocadas para a população são claras. *A política é a arte da conversa, do convencimento, sem perder os princípios. O meu partido é de oposição, mas prevalece a confiança para melhorar não só o próprio partido, mas também a cidade. Uberaba é muito conservadora. É preciso renovar e tirar esta estagnação da elite. Eu quero ver uma política para todos.*

Através do pai, Marilda diz que escutou histórias sobre a época da Revolução. Seu pai presidiu o sindicato dos industriários. *Foi por ele que eu tive o estímulo de entrar na política e é para realizar um desejo dele que eu quero transformar este país.*

Voltando na história, o que aconteceu com Renato? Hoje, aos 60 anos, ele é diretor do curso de Direito da Universidade de Uberaba e continua lutando para formar profissionais que saibam defender suas liberdades.

Elmar Goulart era primo do ex-presidente que sofreu o golpe de Estado

issuu-downloader.com

Viagem

"Adeus amigos, hoje eu vou para a Irlanda"

Estudante encara o desafio e, mesmo sem grana, passa seis meses vivendo no exterior

André Azevedo
2º período de Jornalismo

fotos: arquivo pessoal

Fabiano da Mota posa ao lado da estátua do poeta e romancista irlandês James Joyce, autor de "Ulisses" – obra que exerceu influência revolucionária sobre a literatura moderna de ficção. Joyce foi o criador de uma nova estrutura narrativa, chamada de "fluxo contínuo de consciência"

"No mundo de hoje é aquele esquema: o inglês é fundamental, uma segunda língua qualquer é importante", diz Fabiano da Mota, um estudante de 23 anos que, sem grana e sem saber falar inglês direito, embarcou no avião rumo a Irlanda, praticamente com uma mão na frente e outra atrás. "Eu tinha essa idéia antes de entrar na faculdade, mas nunca pintava um troco", conta.

Fabiano nasceu em Rio Grande (RS), mas foi criado em Matias Cardoso, uma cidadezinha de 10 mil habitantes, localizada no norte de Minas. Veio para o Triângulo Mineiro para estudar Tecnologia em Processamento de Dados, na Universidade de Uberaba. "Então, me formei em 1998 e comecei a trabalhar com Macintosh, na universidade", diz.

Mas mesmo depois de formado, aquela vontade de dar o fora para o exterior era sempre adiada. "A grana só dava para bancar as despesas de praxe", conta. Fabiano dividia um apartamento no bairro Olinda com alguns colegas, e todo final de mês caía no cheque especial.

Ele não parou de estudar. Dois anos depois do diploma de graduação, concluiu uma pós-graduação em Gerenciamento de Redes de Computadores, também pela Universidade de Uberaba, em 2000. Depois, partiu para outra pós-graduação. Começou a cursar Análise de Sistemas, na PUC de Campinas. Enquanto isso, ia enrolando o sonho.

Mas aquela coceira insistia, e em 2001 ele passou a coletar informações pela Internet. "Eu queria ir para os EUA, mas não consegui visto. Se fosse para a Austrália, tinha que ficar pelo menos um ano, porque a passagem é muito cara. Não dava. A Inglaterra tem fama de as pessoas serem muito frias. Na Irlanda, tive a informação de que as pessoas eram mais amigáveis, e o custo de vida não era tão caro como na Inglaterra. É isso: Irlanda!".

"Cheguei, e agora? Meu curso é só de duas semanas e não tenho grana para ficar muito tempo!"

Fabiano procurou uma agência de intercâmbio para fechar o pacote. Como sua intenção era ficar pelo menos quatro meses, teve que improvisar para bancar os custos. "Paguei um plano de um curso de Inglês de duas semanas, e consegui o visto de turista. Eu imaginava que, ao chegar lá, poderia procurar uma outra escola mais barata. Comprei eu mesmo a passagem (US$ 700), porque a agência negociava uma muito cara", explica. O curso ficava em 600 euros. O estudante meteu as caras: fez dívida no cartão de crédito, entrou fundo no cheque especial, e se foi.

Duro em Dublin

4 de fevereiro. "Peguei o avião em Sampa. Treze horas de viagem. Desembarquei em Londres, esperei algumas horas no aeroporto e peguei a baldeação para Dublin. Cheguei lá num frio violento. A sensação ao descer a escada do avião foi*: Cheguei, e agora? Meu curso é só de duas semanas e não tenho grana para ficar muito tempo!*". Fabiano foi de ônibus até o centro, e de lá pegou um taxi até o lugar da hospedagem. "Economizei metade do preço que pagaria para a escola me buscar no aeroporto. Já cheguei economizando", diz.

Lá, gastava uns 20 euros por dia, contando com acomodação e alimentação. Como combinado com a agência, ficou hospedado no esquema de casa de família (*hostfamily*). "Fiquei na casa de uma nigeriana muito gente boa" diz.

Lá não tem esse esquema: *Ôôôô, e aí, meu cumpadi!* As pessoas são meio ríspidas, respondem tipo assim: *que é que você quer?*

Fabiano sabia que tudo aquilo era uma grande aventura. "No começo foi complicado. Eu não sabia inglês, tava sem grana. Pra me virar, economizava no que pudesse. Por exemplo, pra comer, comprava coisas mais baratas em supermercado, era desse jeito", conta.

Além disso, estranhou um pouco o tratamento recebido pelas pessoas. "A gente está acostumado com calor humano. Nós brasileiros, apesar de não termos o padrão de vida elevado – aquela coisa de estarmos sempre na pindaíba – somos sempre simpáticos uns com os outros. No Brasil, a maioria já chega te abordando com um sorriso. Lá não tem esse esquema: *Ôôôô, e aí, meu cumpadi!* As pessoas são meio ríspidas, respondem tipo assim: *que é que você quer?* Pra piorar, como meu inglês era muito ruim, os gringos não tinham muita paciência. *I'm sorry, I don't understand you*. Na Inglaterra, algumas vezes, antes mesmo de eu terminar de concluir uma pergunta qualquer, as pessoas já diziam: *I don't know*", lembra.

Depois que o curso de duas semanas venceu, Fabiano negociou com sua *hostfamily* – a nigeriana gente boa – e

issuu-downloader.com

Emprego no Café garantiu uns euros a mais para pagar as dívidas do cartão e garantir a viagem

combinaram que ele poderia ficar mais duas semanas, fazendo o pagamento direto pra ela, e ainda com um desconto de 50%. "Enquanto isso, procurava emprego, sem parar". Ele lembra que "pastou" durante o primeiro mês. Problemas financeiros, dificuldade de comunicação.

Dias melhores

As coisas começaram a melhorar quando conseguiu um emprego: foi trabalhar de caixa num *Café*. "Tive sorte. O cara gostou muito de mim. Quando fui fazer entrevista, ele disse que fui o primeiro empregado a ir 'de cara' pro caixa – normalmente as pessoas vão pra cozinha. Acredito que ter mostrado meu diploma de curso superior deve ter ajudado", observa. O serviço rendia 6,30 euros por hora. Esse serviço permitiu também que ele economizasse mais, pois gastava menos com comida. "No Café, do dono irlandês, eu tomava o lanche de graça", explica.

Fabiano teve que sair da casa na nigeriana *gente boa* porque era um lugar afastado do centro, onde se localizava o Café. Além disso, a hosfamily esperava outros estudantes ligados à agência de intercâmbio – o quarto tinha que ser desocupado. "Fiquei duas semanas em um albergue, com 16 pessoas no quarto. Depois fiz contato com o pessoal da escola e descobri três estudantes estrangeiros – um outro brasileiro, um espanhol e um chileno – que também queriam ficar, mas também precisavam sair das casas de família por causa do contrato". Juntos, encontraram um apartamento mobiliado e bem localizado. "Pagamos dois meses adiantado. 3 mil euros. Como eu não tinha grana, a galera ainda me emprestou. Eu pagava para eles de acordo com o que recebia do salário da semana. Tive muita sorte, era uma turma muito legal", conta.

Com a grana do salário, decidiu voltar para o curso de inglês à tarde, depois do expediente. O serviço ia das 7h30 às 15h30. Às 16h já estava na escola. A aula terminava às 19h. Mas ele preferiu abandoná-la novamente, um tempo depois, porque arrumou um segundo emprego, à noite. "Deixei a escola, por uns tempos, porque ainda estava devendo algumas coisas: cartão estourado, limites do banco, grana emprestada dos amigos. Então aceitei a proposta de outro emprego, numa lanchonete, fazendo sanduíche. Ralei pra caramba". Apesar da "ralação", Fabiano guarda bons momentos da correria na cozinha. "Eu acho que gostava mais de trabalhar na lanchonete do que de caixa, porque lá a gente fazia muita brincadeira, era muito divertido. No caixa era mais sério, tinha mais responsabilidade. Na lanchonete era *pauleira*, mas era mais descontraído", conta.

Mas o serviço na lanchonete durou apenas algumas semanas. "Tive de escolher que emprego eu ia ficar. A lanchonete era legal, mas era longe do centro, eu tinha que pegar ônibus, saía tarde da noite. Eu perdia muito horário. Às vezes terminava 1h da madrugada, 1h30. Tinha uma Van que levava as pessoas em casa, e como eu morava no centro, eu era o último a ser levado. Às vezes chegava 2h ou 3h da manhã. Acabei optando pelo Café, porque ficava no centro, mais prático, e era durante o dia". Então voltou para a escola de inglês, e passou a frequentar uma biblioteca pública de Dublin. "É muito boa, é uma biblioteca própria para estrangeiros. Lá eu fazia um curso do tipo *aprenda sozinho*." Nessa época, ele gastava uns 500 euros por mês. Ao voltar para a escola, garantiu o visto de estudante.

"Lá tem muitos castelos, muito verde. Conheci castelos construídos em 1181

Cidade legal

"A cidade é tranquila. É um país pequeno, 5 milhões de habitantes. Não tive nenhum problema com polícia nem nada. Muitas pessoas confundem por causa da Irlanda do Norte – com o IRA e aquelas coisas que se vê na TV – que é comandada pelo Reino Unido. A República da Irlanda, ou Irlanda do Sul, é um país independente. Só vi um caso de violência que apareceu nos jornais. Lá é um país pequeno, rico, sem dívida externa, analfabetismo zero – é o segundo maior exportador de *softwares* do mundo", explica.

Evidentemente, nas folgas entre um cálculo de troco no Café e um X-Egg na Lanchonete, passeou pelas cidades da Irlanda. "Lá tem muitos castelos, muito verde. Conheci castelos construídos em 1181. Tem um lugar lá, acho que foi o mais bonito que já vi na vida. São rochas gigantescas, a água do mar batendo..." relembra.

Fabiano aprendeu que, até meados do século passado, a Irlanda era um país muito pobre. "Teve uma crise de fome braba por lá. A batata foi o que os salvou, porque era barata de ser cultivada. A batata é até um símbolo para eles. Os irlandeses migravam para os EUA e Inglaterra. Agora a situação inverteu. As pessoas é que estão migrando pra lá. Há uma discussão séria entre políticos que querem barrar entrada de estrangeiros por lá. Eles alegam que estão superlotando o país", explica.

continua

reprodução

Castelos medievais deslumbram turistas que visitam a Irlanda

issuu-downloader.com

Viagem (continuação da pág. 7)

Depois da Irlanda, umas voltas pela Europa

Fabiano acertou o relógio no Big Ben em Londres, tomou champanhe de 350 euros em cabaré francês, torceu para o touro na Espanha, e comprou passagem em Portugal

André Azevedo
2º período de Jornalismo

Dressage des Nouvelles par Valentin le Desosse, óleo de Henri Toulouse-Lautrec

Aventura desastrada num cabaré francês, envolvendo dois novos amigos, três *demoiselles* e algumas garrafas de *champagne*, dá a maior dor de cabeça

Com a saudade apertando e com a sensação de missão cumprida – ou sonho satisfeito – o estudante que decidiu largar tudo e embarcar para a Irlanda sentiu que estava na hora de voltar. Antes, já que estava por lá, decidiu dar uma volta por outros países da Europa. Pegou um navio na Irlanda e zarpou para o país de Gales. De lá, foi de ônibus para Londres. Big Ben, Castelo da Rainha etc. Ficou alguns dias na França. Lá também fez o trajeto oficial de turista – Torre Eiffel, Arco do Triunfo etc. Mas uma desastrada visita a um cabaré quase complica sua vida definitivamente. "Quando aquilo ocorreu, deu o maior medo. Pensei: e se acabarem me prendendo aqui, e se esses caras começam a socar a gente, *putz*, o que vou fazer, como vou sair dessa?", pensou.

A história foi o seguinte: assim que desceu na estação de trem em Paris, Fabiano conheceu um americano e um inglês. Conversa vai, conversa vem – *Brasil? Samba! Futebol, Ronaldinho, Rivaldo!* –, os três estrangeiros acabaram ficando camaradas. Ao dizer que ainda não tinha lugar para passar a noite, Fabiano foi logo convidado a dormir no albergue onde os gringos haviam reservado. "Depois de guardar as malas no quarto, fomos os três dar uma volta na cidade. Então passamos por uma avenida famosa, que tem um monte daqueles cabarés que a mulherada dança nua – passou no Jô Soares uma vez, não lembro o nome da avenida". Evidentemente, os três amigos resolveram entrar em um deles. Pagaram 10 euros, e isso dava direito a uma cerveja.

"Então, ficamos lá sentados, vendo a mulherada fazendo *streep*. Depois de poucos minutos, chegou uma *demoiselle* para cada um, nos arrastando para a mesa

"Então, ficamos lá sentados, vendo a mulherada fazendo *streep", diz*. Depois de poucos minutos, chegou uma *demoiselle* para cada um, arrastando-os para a mesa. Entre *langues* e *baisers e jambes,* o garçom trouxe, imediatamente, uma garrafa de *champagne*. "Nem vi direito, mas parece que ele colocou um pouco no copo da mulher e depois despejou o resto num balde de gelo". Assim que a *femme* terminou o copo, o garçom, automaticamente, trouxe outra garrafa. "Quando fui ver, fez o mesmo esquema: jogou todo o resto no balde de gelo. Já tinham duas garrafas de *champagne* na mesa, e o cara já estava trazendo a terceira. Então me toquei e resolvi perguntar, em inglês: *Wait a minute! How much is this?* (Peraí, quanto é isso?), e o cara falou: 350 EUROS CADA GARRAFA!"

Num pulo, Fabiano largou a *demoiselle* de lado. "Na hora, deu a maior dor de cabeça. Eu dizia: *mas eu não pedi nada, não tenho como pagar*! Aí o cara falou: *Take it easy* brasileiro, sou um cara gente boa e vou fazer um desconto para você. SUA CONTA DEU 800 EUROS, e como sou um cara gente boa, VOCÊ PODE PAGAR 600 EUROS. Então pensei: *600 euros! Tô no sal*!"

Nessa hora, ele conta que sentiu muito medo. Se a coisa desembestasse, Fabiano poderia levar uma surra dos seguranças, pois não tinha grana sufuciente

Nessa hora, ele conta que sentiu muito medo. Se a coisa desembestasse, Fabiano poderia levar uma surra dos seguranças, pois não tinha essa grana. Se resolvessem criar caso e chamar a polícia, poderia até mesmo ser preso. Não deve ser uma aventura muito estimulante ir para a cadeia em um país estrangeiro. Se piorasse muito, poderia mesmo ser deportado. Uma viagem que até então estava perfeita, poderia acabar mal, muito mal. A solução era negociar, desesperadamente!

Saída à francesa

"Falei que não tinha grana. Tinha deixado todos os meus cheques de viagem no albergue. Mostrei tudo que tinha na carteira: US$40 e alguns cartões de crédito. Ele pegou os cartões e tentou passar na máquina, mas estavam todos com o limite estourado. Pensei: agora vou ser preso! Mas aí discuti, falei: isso é sacanagem, não pedi nada, vocês deveriam ter avisado antes de colocar na mesa, é um absurdo", relata.

Enquanto isso, os amigos, sem saber de nada, se divertiam com as *demoiselles*. Quando foram avisados, o americano

issuu-downloader.com

levantou-se da mesa pronto para lutar. Começou a bater boca, foi agarrado pelo segurança, e resolveu enfiar a mão no bolso e sacar o que tinha: US$ 80. Mas não entregou a grana. Ao ver que a porta de saída estava entreaberta, deu no pé e conseguir fugir. Os seguranças foram atrás e o agarraram novamente, já na rua. Mas ele fez o maior escândalo, juntou gente, a coisa virou uma enorme confusão, e ele acabou escapulindo de vez.

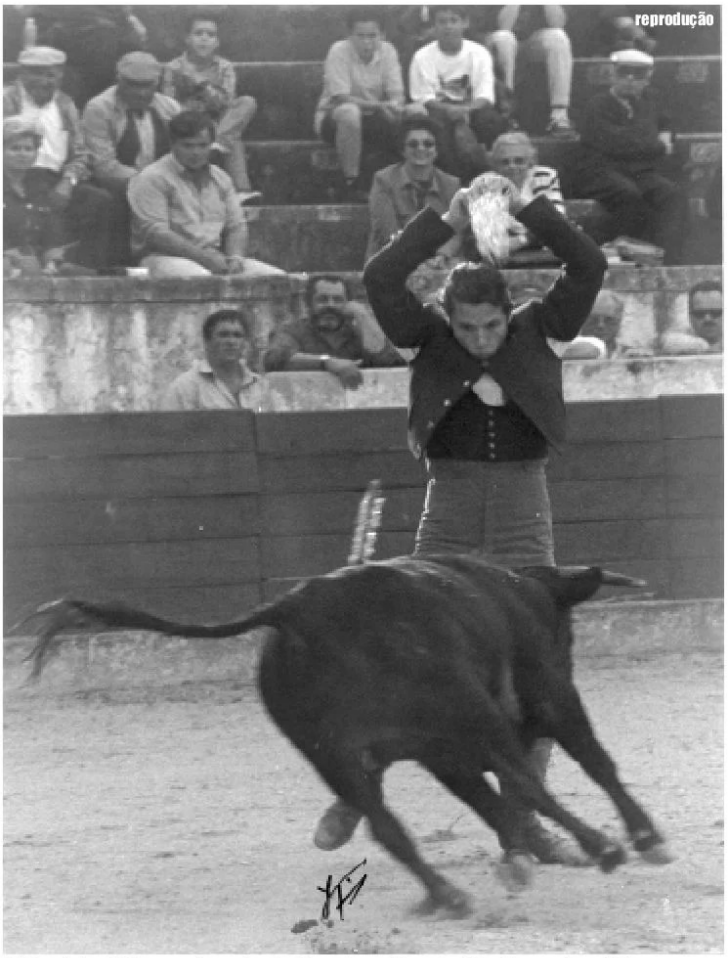
Aproveitando a bagunça, Fabiano decidiu sair *à francesa*. "Fui de fininho rumo à porta, no meio de todo aquele movimento, e então dei nas pernas para alcançar o americano, pois não sabia como chegar sozinho no albergue. O inglês ficou. Encontrei-me com o americano e chegamos inteiros no quarto. Discutimos se era melhor voltar para pegar o inglês, mas sabíamos que, se chegássemos lá, a coisa ia piorar pro nosso lado", lembra. Decidiram simplesmente esperar.

Foi a maior angústia. E se o cara chegasse com a polícia? E se ele contasse onde estavam? Ir para a cadeia seria horrível, tenebroso! Como voltar para o Brasil depois? Longa espera. Cada passo na rua poderia ser deles. Já imaginava-se de algemas, na delegacia, pedindo para ligar para os pais lá em Matias Cardoso.

Finalmente o inglês deu as caras, naquela fleuma. O americano, esbaforido, foi logo perguntando: *os homens te seguiram? O que aconteceu?* O inglês, então, disse que estava sozinho. Contou que resolvera a parada porque tinha um cartão de crédito. *Paguei 250 euros*, disse. Ufa! Da próxima vez, Fabiano vai ficar mais esperto com *demoiselles*, garçons e champanhes franceses de 350 euros.

Sem chances para o touro

Na visita à Espanha, escaldado, decidiu evitar visitas a casa de *mujeres*. Preferiu assistir a um programa mais leve e familiar: uma tourada. Mas ele afirma que não gostou nem um pouco dessa experiência. "É horrível. Os caras não dão chance para o touro. Assim que o bicho entra, eles começam a dar espetada, já metem um punhal no lombo. Aí, quando o touro corre atrás, o cara simplesmente foge e se esconde atrás de um murinho. É sacanagem, a maior covardia. No final, eles vêm com a espada, aí toca aquela musiquinha de trombeta, e – *OLÉ* – o toureiro mete o golpe final. Eu não quero ver mais isso não. Na verdade, torci o tempo inteiro para o touro".


reprodução

Fabiano foi assistir, mas não gostou das touradas na Espanha: "Torci para o touro", diz

É horrível. Os caras não dão chance para o touro. Quando o touro corre atrás, o cara simplesmente foge e se esconde atrás de um murinho

31 de julho. Fabiano ainda passou por Portugal, e lá comprou a passagem de volta. "Como fiquei um tempo maior do que o prazo de validade da passagem que eu já havia pago, tive que comprar a volta em Lisboa, por 420 euros", explica.

Valeu a pena

Segundo Fabiano, o que mais marca em uma viagem dessas é a experiência de vida, refletida em amadurecimento pessoal e profissional. "Não é fácil chegar sem grana num país onde você não fala nada. Tem gente que vai com dinheiro, fecha curso de 6 meses, tudo já arrumadinho. Eu dei um tiro no escuro. Peguei grana emprestada, trabalhei muito por lá, paguei as dívidas. Fiz amizades com pessoas de outros países, outras culturas. Você aprende mais sobre a vida", relata. Além disso, o sabor dessa saga deixa um gosto inesquecível. "Foi uma superação pessoal. Eu acreditei em mim nos momentos ruins no início. Superar aquilo foi muito bom. Me sinto muito bem com isso. Recomendo para qualquer um uma experiência dessa".

Hoje, Fabiano está em São Paulo para concluir a pós-graduação. Enquanto isso, procura um emprego para bancar os estudos. "Com o inglês tinindo e com duas pós, imagino que não vai ser muito difícil encontrar um bom emprego". Mas a idéia é voltar a passar mais um tempo na Europa ou nos EUA. "Quando voltar, vai ser melhor, eu já conheço os esquemas, já falo bem. Fica mais fácil", conclui.

andre.azevedo@uniube.br

issuu-downloader.com

Feira de artesanato é espaço de cultura lazer

Além das barraquinhas, Feirarte conta com apresentações artísticas e musicais

Matéria desenvolvida a partir de trabalho realizado pelos alunos: Elida Rodrigues, Gelza Lima, Haron Freiri, Joyce Ramos, Luana Neri, Micheli Bernardeli, Patricia Ferreira e Waldir Vieira, do 2º período de Comunicação Social, na disciplina Teoria da Comunicação, orientador pela professora Cássia Cristina Marinho

Luana Neri
2º período de Jornalismo

A Feirarte, como o próprio nome já diz, é uma feira de arte e artesanato que acontece todos os sábados, na praça Jorge Frange, das 17h às 22h30. A feira oferece grande diversidade de produtos artesanais, pinturas e trabalhos em madeira, bijuterias e os mais variados pratos como *yakisoba*, *pizza* e galinhada. E o melhor de tudo é que os produtos oferecidos têm qualidade e preço baixo.

Mas pessoas que moram próximas a praça reclamam da sujeira e do descuido que tomam conta do local após a feira

A feira conta ainda com várias atrações, como shows artísticos e musicais, além de um parque com brinquedos para as crianças.

O evento pode ser uma opção de descontração para toda a família nas tardes de sábado. A Feirarte conta com a presença da polícia militar, que dá segurança aos frequentadores. Segundo alguns entrevistados, os pais sentem-se tranquilos para deixar seus filhos brincarem à vontade no parquinho enquanto fazem compras ou assistem aos shows no palco da praça.

Praça suja durante a semana

Entre flores coloridas, pingas de engenho, doces em conserva, há também a indignação das pessoas que moram próximas a praça que reclamam da sujeira e do descuido que tomam conta do local após a feira. A professora Maria Irene Correia, dona de uma das barracas, não esconde a decepção ao falar sobre o mau trato do lugar onde cresceu e vive até hoje. Segundo ela, durante a semana acontecem roubos, vandalismo e uso de drogas na praça.

De acordo com informações no sítio da Prefeitura Municipal de Uberaba (www.uberaba.mg.gov.br), o objetivo da feira é aumentar a renda dos expositores, proporcionando-lhes condições de comercialização do artesanato que produzem, bem como ser espaço de lazer à comunidade. A Feirarte é promovida pela prefeitura municipal, através da Secretaria do Trabalho, Assistência Social da Criança e do Adolescente (SETAS) e pela Fundação Cultural de Uberaba.

A Feirarte está aberta a todas as pessoas que queiram conhecer o trabalho dos artesãos de Uberaba e a entrada é franca.

arquivo Revelação

Feirarte oferece grande diversidade de produtos artesanais

texto: Renato Bt Montagem: Maurício

SAUDADES AMIGO BOBÃO

Não resta mais nada...
Só o silêncio, a solidão. Meu amigo se foi, e me deixou seu sorriso de amizade e seu semblante de alegria, irreverência e honestidade. Sua vida, a mais simples. Saudades do exemplo de afeto pelos amigos, das reuniões em sua casa. Ele pregava o amor e cultivava os momentos nobres em que nos sentávamos em volta de uma mesa, com algumas cervejas, um bom e velho rock and roll, churrasco e os papos em dia diante de tal celebração... a vida!!! Levaremos para todos os lugares dentro das nossas recordações e em nossos corações!
Meu velho Bobs, vicking e irmão. Meu amigo, nosso amigo!.
O planeta já não gira com tanta graça, e o dia passa meio abatido, esperando a lua trazer a fé do reencontro...
Dorme com Deus, velho "brotha"; nós sempre estaremos juntos.
Nós, os "caras", nunca esqueceremos o valor da sua companhia e nem das vezes em que tocamos várias vezes "aquela" do Motörhead.
Nossa amizade sempre nos fortalecerá!

issuu-downloader.com

CONTO

À espera de flores

Luiz Flávio Assis Moura
1º período de Jornalismo

, e fitava em silêncio cada um dos vasos. Vasos, vasos, vastidão e espera estupidificada – ah, era tão complexa a transposição de linhas e formas – o doutor disse que queria flores para seu aniversário. Adriana, nomeando os homens e mulheres – confuso. Confuso, confuso. O que estava pensando mesmo? mas era tão complicado pensar, os cães latiam potentes e lamuriosos lá fora por causa da chuva. Vivendo simples, simples, os vasos atinavam sozinhos à espera de azaléias. Fantástico, distante. E os carros atravessavam tímidos e fazia barulho de chuva para que não se esquecesse. Adriana mesmo era muito distraída, se perdia vastamente naquela perdidez oblíqua de formas e sinuosidades – a feminilidade dos vasos fazia com que lembrasse de si mesma em noites densas e penumbrosas em que tornava-se lentamente mulher, e sentia as cortinas intensas de carmim e púrpura percorrendo os olhos como uma nascente de rio que preguiçosamente se inicia a crescer pela água... transpondo em levíssimo diapasão o suspiro, e quando respirava sentia a plenitude sufocante do ar ocupando toda sua amplitude oca, o sabor era de volatilidade e o peito se comprimia em intensa expansão... respirando. Respirando.

a feminilidade dos vasos fazia com que lembrasse de si mesma em noites densas e penumbrosas em que tornava-se lentamente mulher

E pétalas são grossas e suspirosas quando tocadas, parecem esconder sozinhas toda a sensualidade que não se conhece sob seu próprio corpo

– Adriana, e as flores?

E as flores? oh, não, a respiração faltava no instante dado e o tempo não mais podia existir, passara inteiro em um desenovelar das cordas levadiças de um violoncelo – tocava, tocava e dores imemoriais deixaram de ser reveladas sob o encanto devoradiço de música, música. O telefone tocando do outro lado, que vida a receberia na extremidade oposta? Adriana desconhecia tudo, mas as flores não esperavam. Azaléias ou rosas brancas? Não sei, do que gosta o doutor? Acho que azaléias, mande-as aqui, estaremos esperando. E pétalas são grossas e suspirosas quando tocadas, parecem esconder sozinhas toda a sensualidade que não se conhece sob seu próprio corpo. Quando se sentava ao lado dele, os minutos diziam com lascívia e encanto os segredos das amadas rainhas e os sonhos perversos de uma princesa dos medas – a rainha titânica proibira a filha de amar os homens, e a filha, como represália, passou a amar a própria mãe, desesperada e aflita. A mãe nunca descobriria, nem mesmo quando a princesa surgiu-lhe morta sob o perfume violento de lavanda e suaves venenos de serpentes e escorpiões que delicadamente dilaceraram seu canto sofrido de paixão. Amor, amor, amor. A voz suave e cortante daquela rispidez masculina, eterna distância das barreiras de imaculação distante de Adriana. Os vasos, não esquecer que ele gosta de vasos de mármore e este é de cerâmica, Adriana. A pele finissimamente exposta ao ardor gélido da água desabando, e a expectância se acumulava em vãos gigantescos de angústia e aleluia, tenho medo, oh, mas estarei e estou tão feliz porque hoje o cheiro é de terra e vida e darei flores a quem eu amo.

– Ele já está chegando, Adriana. As flores estão no vaso?

Não estavam? estavam sim, ou serã que não? Estavam. Não estavam. Estavam. Não estavam. E ela sabia a cada dia mais – tanto quanto nada mais entenderia. Vácuos simples e infantis pelas paredes da casa, e não é que as flores estavam no vaso? Ah, o momento era tão esperado. Desde que descobriu que o amava, seu rosto era a iluminação parca de um quarto em brumas, sopros de vida que ela tocava todos os dias somente com o ar quente que se evolava em densos vapores sob o frio da chuva que pingava. Em gotas de minutos, e ela os contava sem relógio sabendo que ele chegaria. A porta abrindo – preguiçosamente, ah, angústia maléfica, os olhos – os olhos! Se adensando em lágrimas e nuvens azuis e cinzentas com sabor de leves flores e o sabor de rosas partidas que se deita na boca antes de envolver-se todo no corpo da terra...

– Pai!

Quando ele chegasse, o devoraria e o amaria como todos os dias, sem entender. Os vasos continuavam a reverberar, as azaléias deitadas condolentes e diziam que desejavam água. Água que se espalha como a rosa, ou quem sabe mais? sangue e densas nervuras começando e terminando – a finalidade era o corpo, e continuou a sentir o tremeluzente agigantar que a fazia sentir seu peito sufocar...

Óleo e carvão sobre tela de Ian Williams (detalhe)

issuu-downloader.com

Enquete

Você tem vontade de fazer uma viagem dessas?

Para qual país gostaria de viajar por uns tempos? E por que?

Wellington
Direito
"Eu não teria coragem de largar tudo, apesar de ter vontade de morar no exterior"

Nabiany Carvalho de Oliveira
3º período de Publicidade e Propaganda

Eliana
Direito
"Não teria coragem, porque pretendo terminar meu estudos aqui"

Leandro Vitalino
Publicidade e Propaganda
"Tenho vontade de ir para os Estados Unidos para conhecer culturas diferentes e as mulheres de lá"

Letícia Bracarense
Publicidade e Propaganda
"Eu gostaria de ir para a Inglaterra para conhecer a cultura deste país, pois acho interessante o estilo de vida alternativa das pessoas de lá"

Tânia
Pedagogia especial
"Tenho vontade de morar na Espanha, Itália ou qualquer outro país da Europa, para eu poder ver de perto como funcionam seus sistemas de educação e saúde"

Letícia Franco
Psicóloga
"Considero o estilo de vida norte-americano muito interessante, por isso tenho vontade de morar nos Estados Unidos"

Pablo
Publicidade e Propaganda
"Gostaria de ir para a Alemanha para fazer o curso técnico de aperfeiçoamento da indústria gráfica"

Diogo
Direito
"Eu gostaria de morar na Austrália porque se trata de um país com características ambientais parecidas com o nosso, porém é um país desenvolvido"

Carina
Jornalismo
"Minha vontade é morar em Nova Iorque porque esta cidade pode ser considerada a "capital do mundo" e, por isso, é onde eu poderia encontrar todas as oportunidades que desejo"

Ramon Fraga
Direito
"Eu moraria na Espanha ou Itália porque acho os costumes parecidos com o nosso"

Paulo César Alves
Direito
"No momento eu não tenho vontade de sair daqui, mas gostaria de ir para a Suíça para poder aperfeiçoar meus estudos e também o inglês"

Leandro
Matemática
"Seria muito interessante morar no Japão para conhecer a cultura e os mecanismos da educação de lá, principalmente no que se refere à matemática"

issuu-downloader.com